



Relato de Experiência do Projeto "Lazer e Extensão Rural na Comunidade de Tatuoca".

Experience Report of the Project "Leisure and Rural Extension in Tatuoca Community".

MELO¹, Marília T. G. de; SILVA², Joanna L. F.

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, mariliagouveiamelo@hotmail.com; ² Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, joannalessaufprpe@gmail.com

Tema gerador: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: Os habitantes da Ilha de Tatuoca foram removidas para que fosse construído o Complexo Portuário-Industrial de Suape. A mudança provocou transformações nas suas vidas. Com isso o projeto "Lazer e extensão rural na comunidade de Tatuoca", buscou incentivar a comunidade a valorizar sua cultura e problematizar a realidade social. Resolvemos buscar a reflexão acerca do autorreconhecimento, incentivando também parceria e organização coletiva. Foram desenvolvidas oficinas, encontros e imersões. Fizemos a comemoração do dia das mulheres e a construção da Ecocozinha de barro, elemento que era utilizado em Tatuoca na construção das casas. Fizemos a culminância das atividades em formato de festejo e no final uma avaliação. Pudemos perceber que eles possuem saberes de relação com a natureza forte, mas com a difícil acessibilidade, se tornou difícil fazer as próximas gerações receberem esses conhecimentos.

Palavras-Chave: Desterritorialização; Extensão Rural; Agroecologia.

Abstract: The population of Tatuoca Island, were removed to build the Port-Industrial Complex of Suape. The change has brought transformations in their lives. The project "Leisure and rural extension in the Tatuoca community" sought to encourage the community to value its culture and problematize the social reality. We resolved to seek reflection about self-recognition, also encouraging partnership and collective organization. Workshops, meetings and immersions were developed. We celebrated the day of the women and the construction of an Ecocozinha of clay, element that was used in Tatuoca in the construction of the houses. We did the culmination of the activities in format of celebration and an evaluation. We were able to perceive that they possess knowledge of relation with the nature strong, but with the difficult accessibility, it became difficult to make the next generations receive these skills.

Keywords: Desterritorialization; Rural extension; Agroecology.

Contexto

O relato de experiência aqui apresentado trata-se de um trabalho de extensão universitária realizado na Vila Nova Tatuoca, localizada na Praia de Suape, no município do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco (fica a 35 km de Recife, capital pernambucana). A comunidade de Tatuoca sofreu um processo de desterritorialização com a construção do Complexo Industrial Portuário de Suape (CIPS), que os obrigou a desabitarem suas terras e transferir-se para a cidade vizinha Ipojuca. O projeto intitulado como "Lazer e Extensão Rural na comunidade de Tatuoca", consistiu na continuidade de projetos realizados na Vila desde 2015, mas vamos relatar o que foi experienciado entre o período de novembro de 2017 e



dezembro de 2018. Nosso objetivo foi de incentivar a comunidade a valorizar sua cultura, proporcionando atividades que exaltassem os saberes e mantivessem a memória dos costumes da Ilha de Tatuoca vivos. As metodologias utilizadas estão em consonância com os princípios de uma Extensão Rural Agroecológica, buscando a valorização do saber local e a elevação da comunidade como sujeito da ação e decisão.

Descrição da Experiência

A comunidade de Tatuoca vivia numa Ilha de rios, com grande vivência na pesca e na coleta de frutas. Com a desterritorialização, houve na comunidade um grande impacto negativo, tendo que percorrer longas distâncias para acessar o mar e o mangue, espaços fonte de alimento e sobrevivência. O costume de pescar fazia parte da sua cultura, sendo estes conhecimentos passados de geração em geração. Cabe ressaltar que as idas ao mangue eram realizadas muitas vezes com toda a família, e constituía não só um momento de adquirir o alimento, mas de um modo próprio de vida, que também contemplava o lazer. Vários moradores/as relatavam que nestes momentos tudo virava brincadeira.

Visando diminuir esse impacto cultural, as metodologias usadas no projeto foram desenvolvidas através de oficinas baseadas em atividades que estavam sempre presentes no cotidiano dos moradores da Ilha. Para a realização delas tivemos encontros em formato de reunião para a construção de imersões realizadas tanto na universidade quanto na comunidade de Tatuoca.

As Imersões consistiam em momentos de convivência na comunidade, onde passávamos de 3 a 4 dias na Vila, juntamente com estudantes e docentes de outros quatro projetos da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Esse formato de imersões foi fruto da experiência acumulada, que mostrou ser mais proveitoso um tempo de mergulho no cotidiano, para que pudéssemos viver o dia a dia da comunidade e estreitar nossas relações de comunicação, aprendizado e ao mesmo tempo fortalecer a interdisciplinaridade das atividades.

Na Vila Tatuoca há uma grande barreira que quando chove escorre para a rua e para as casas, e o barro acaba sendo visto como um vilão. No final de 2017 iniciamos um diálogo sobre o uso do barro, de forma a problematizá-lo como um elemento que empondera, na medida em que já possuíam o



Figura 1- Foto da barreira em frente as casas da Vila Nova Tatuoca (Fonte: Arquivo Pessoal).



pelos/as próprios/as moradores/as, contando relatos de construção de casas e fornos de barro. Além disso, na própria Vila existiam fornos de barro no quintal.

Assim, no início de 2018, iniciamos a organização de uma imersão em comemoração ao dia das mulheres aliando ao tema do barro. Nela desenvolvemos a proposta de diversas oficinas em conjunto com os outros projetos com o objetivo de ressignificar um espaço de lazer da comunidade a partir da bioconstrução, tais como: ecocozinha (forno e fogão), espiral de ervas, plantação de mudas, ábaco de bambu e brinquedos infantis.

Nessa construção da imersão tivemos um embate com o líder comunitário que não aprovava as atividades de bioconstrução, especialmente o fogão/forno da Ecocozinha. No entanto, parte das mulheres que estavam engajadas nos projetos também faziam parte da associação e assumiram a disputa. Com isso foram realizadas reuniões de

apresentação para os membros da associação e em seguida para os/as moradores/as, com uma votação para a construção da Ecocozinha, que ganhou sua aprovação.



Assim, em abril de 2018 realizamos a imersão. Para realizar a oficina de Ecocozinha, que estava sob responsabilidade do nosso projeto, contactamos dois permacultores parceiros, do cariri cearense, que toparam facilitar um processo educativo de construção da ecocozinha na Vila

Figura 2 – Cartaz de divulgação da Imersão (Fonte: Arquivo Pessoal).

(Paulo Campos e Cícero Chagas). Participaram da oficina de bioconstrução estudantes da UFRPE, moradores/as da comunidade e mulheres de algumas comunidades vizinhas, trazidas pelo Centro Mulheres do Cabo (CMC).

A construção da Ecocozinha gerou muitas reações diversas. Algumas moradoras olhavam o fogão/forno e lembravam da época da Ilha, comentavam as diferenças e semelhanças no modo de fazer e a melhora do sabor que fazer a alimentação naquele tipo de fogão/forno permitia.

A culminância das atividades da imersão é realizada em formato de festa, contemplando o lazer como uma dimensão importante dos processos educativos de extensão rural. Desta forma, nesta imersão pudemos fazer a inauguração de tudo que construímos com o barro e a comunidade na imersão.



Nas festas de culminância das imersões sempre pensamos em fazer uma homenagem de forma a promover a valorização dos/as moradores/es e seus saberes. Em outros festejos já foram homenageados os pescadores, as mulheres, as crianças, de acordo com o tema da imersão. Dessa vez, pensamos em alguém da Ilha que tivesse tido uma maior conexão com o barro e ao dialogar com as moradoras



Figura 4 - Momento de construção da Ecocozinha (Fonte: Arquivo Pessoal).

quem seria, elas nos responderam que não tinha como homenagear uma pessoa, pois todos trabalhavam com barro na comunidade. Diante disso, procuramos uma pessoa de referência da cidade que pudesse representar a todos/as e a partir da indicação do CMC homenageamos Dona Santina, artesã e ativista, simbolizando a resistência da mulher e do fazer a partir do barro no Cabo de Santo Agostinho.

No final das imersões sempre há um momento de avaliação onde podemos expor tudo o que sentimos em relação a esses dias e discutir um pouco no “calor do momento” coisas que gostamos e que deveríamos continuar fazendo e as que deveriam ser deixadas para trás ou melhoradas. Nas últimas imersões sempre eram realizadas avaliações apenas entre os/as professores/as e os/as estudantes/as pois buscávamos avaliar nossas atitudes e se as metodologias tiveram sucesso (realizadas pela manhã antes do retorno para Recife). Nesta imersão do barro, a comunidade também se fez presente e houve uma participação diferenciada com várias falas da comunidade no sentido de valorização daquele momento e reafirmação dos laços construídos.

Resultados

Com a imersão chamada “O Barro como objeto de luta e resistência das mulheres” e seu processo de construção (que inclui o embate com o líder comunitário), pudemos perceber que a comunidade precisa de organização na associação por haver vários membros e apenas o líder que tem a voz final. Essas atitudes também se devem a uma postura patriarcal presente na associação e na própria comunidade, que determina os espaços oficiais de liderança para os homens. Entretanto, com o trabalho do CMC, aliado com os projetos desenvolvidos e a própria determinação das moradoras, as mulheres vem se empoderando no sentido de expor que sempre lutam pelo que acreditam e não deixam de colocar suas opiniões claramente.



Hoje o forno e fogão é utilizado pelos/as moradores/as e tivemos um resultado inesperado que foi a criação de um espaço para as crianças brincarem, por ter criado uma sombra no local da construção do forno. Elas começaram a brincar ao redor para se proteger do sol.

Concluimos também que a comunidade tem saberes empíricos de relação com a natureza muito forte que ainda prevalece, porém com a difícil acessibilidade a locais de pesca e encontrar plantas que antes eram encontradas facilmente na Ilha, se tornou cada vez mais difícil fazer com que as próximas gerações recebam esses conhecimentos. Mesmo um componente como o barro, tão próximo e acessível, não é potencializado por não existirem as mesmas condições sociais que provocavam uma auto-organização para a sobrevivência. Além disso, uma desvalorização das suas próprias técnicas em relação aos produtos mais modernos (exemplo do forno à gás), mesmo reconhecendo o diferencial na qualidade da comida (melhor sabor no cozimento a lenha).

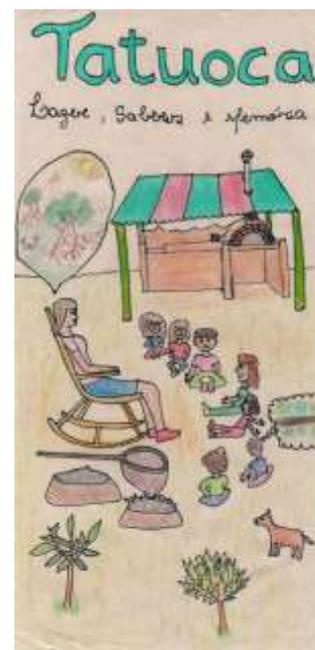


Figura 5 - Capa da cartilha das atividades do projeto

Para fortalecer mais a cultura e memória da Ilha, a comunidade deve buscar manter esses laços, e passar adiante às próximas gerações através da contação das histórias e compartilhamento de conhecimentos em seus diversos momentos de lazer e celebração. Projetos como o nosso devem estar atentos e disponíveis a promover espaços de formação que potencializem esse lazer, essa transmissão de saber e fortalecimento da memória.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a Universidade Federal Rural de Pernambuco pelo financiamento do projeto através do edital de Extensão; aos permancultores Paulo Campos e Cícero Chagas (Ciçô Inventor) que realizaram conosco esse desafio pedagógico; ao Centro Mulheres do Cabo pela parceria formada em todo o período que o projeto esteve em atuação e principalmente à comunidade da Vila de Nova Tatuoca por sempre nos receber e nos fazer sentir parte da família.